

SAUDAÇÃO AO PROF. BERNARDO HOUSSAY (*)

Prof. ARISTIDES NOVIS
(Catedrático de Fisiologia)

Sr. Prof. BERNARDO A. HOUSSAY

Não me acode à lembrança ocasião outra de falar numa cerimônia com a noção mais esclarecida do senso das responsabilidades. Tão pouco a honra de uma investidura me foi mais dadivosa, do balanço entre os riscos e vantagens de embaixadas dêste porte. E' que aos riscos contraponho a confiança nos que me elegem, de imprimirem às suas sentenças o magnânimo sentido da justiça em causa própria. Restam-me as vantagens, que no caso particular, são as mesmas de que participam à esta hora, docentes, discentes e tôda uma sociedade culta, aqui reunida em tórno ao príncipe da Fisiologia, — o que não seria tudo, si de vez não contemplássemos o homem, na plenitude de outros e percucientes atributos específicos, — para constituir-se nesse paradigma de um raio de sol a incidir num momento feliz de nossa vida universitária e sôbre a mésse de tantos espíritos em flôr, — com a graça fecundante e inexcedível de seu brilho.

Em transpondo êstes umbrais, Sr. Professor, ficai certo de haverdes marcado na história desta casa uma página das mais fulgurantes para o maior enlêvo de suas excelsas reminiscências. E' que ela se desvanece em acolher como seu hóspede de honra a eminência que sois. A ciência quando aqui acampou seus arraiais não o fêz em solo agreste ou ímpio, senão já trabalhado e exposto às auras bemfazejas da verdade, em celebrado Colégio, à doce e terna invocação de

(*) Em sessão solene da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, para o fim de conferir o titulo de Professor Honorário. (19 Julho 1950).

Jesus. Entrementes, o rodear dos anos em para mais de um século recebe em prodigalidades os rendimentos desta oficina, jamais distraída em aliar a verdade à beleza e ao bem, para ser fiel à inspiração divina que lhe assistiu e consagrou a fundação. “Escola de Cirurgia da Bahia”, em 1808, — o *punctum saliens* do ensino médico no Brasil, — evoluído no “Colégio Médico-Cirúrgico”, em 1816, e em “Faculdade de Medicina”, em 1832, — ei-la que se expande, a boa semente lançada por D. João VI em sua inspirada Carta Régia, a uma época que lhe premia os esforços ascencionais para a luz, promovendo-a, de justiça, à função nuclear de um sistema orgânico nascente, si constituída à fiel *vis à tergo* do seu amor às tradições e por consenso dos nobres elementos outros da nova estrutura, na forma precisa dêsse estrênuo nó vital em que a vemos centralizar na esfera de suas propectas atribuições, a nóvel e grandíloqua Universidade da Bahia.

Estamos que êste clima assim temperado à feição de vossos pendores de espírito, dispensar-vos-á do expediente por vêzes irrecorrível de uma prévia adaptação em terra estranha. Aliás, aqui ou alhures, estranha nas aparências, tais os efeitos da ciência, — patrimônio universal, sôbre as balizas geográficas, a cujo precário regime os povos confiando suas riquezas materiais, nunca associam o pensamento livre, refratário à contensão mecânica, pôsto sublimado em seus anseios de infinito para cingir-se sem desdoiro às traves da planície. E que se ajunte às naturais afinidades ligando as nossas pátrias, o mavioso depoimento da poesia brasileira, com FRANCISCO OTAVIANO, cantando na singeleza destas rimas: —

“O magestoso Prata bem claro nos ensina
 Nessa junção feliz de rios tão distantes,
 Que os sul-americanos por uma lei divina
 Devem viver unidos, se querem ser gigantes.
 Descem as suas águas das duas cordilheiras
 Dos Andes argentinos, das Serras brasileiras,
 E como dois amigos unidos peito a peito,
 Abraçam-se no encontro e têm o mesmo leito”.

Si, pois, a liga entre as nossas gentes se argamassa de simpatia, sobe do ponto a que nos vossos créditos ao nosso aprêço se constitui no mais legítimo e deleitável dos privilégios. E' que vossa existência antecipou à própria essência em a nossa devoção. Já éreis antes de estar. Já éreis dos nossos antes de estar entre nós. Os reverberos do mestre anunciaram-nos de longe a aproximação do amigo, — mestre amado a cuja visita se torna esquivo o protocolo, tão familiar nos é de há muito o seu grande nome, clamado e reclamado pelos que aqui defrontando os problemas da vida, descobrem nessa direção e por entre a densidade das brumas que a matéria oportuniza, inéditos clarões, fixados em esmeradas fotocópias nos alentados capítulos da "Fisiologia Humana", — substancioso epítome a assumir ao mesmo tempo que o papel de uma escola de ciência o de formosa projeção da ciência de uma escola.

Arauto do novo método com base na objetividade do ensino, empunhais com entusiasmo e arguto senso de observação a bandeira da investigação científica em função de centro propulsor junto às organizações universitárias. E vindes abatendo, a golpes do próprio exemplo, o mito das incompatibilidades entre a pesquisa e o magistério, si a um tempo amparado pelo requisito máximo contido na vocação insuperável, e em requisitos outros, sorvidos à mesma fonte vocacional que faz por converter em apostolado até a mais simples ou trivial ocupação, si exercida com amor. Cêdo vos entregastes à cátedra de Fisiologia, que ao vosso coração empolgou a ponto de por ela sacrificardes afeições outras, então polarizadas entre uma clínica cheia de promessas, a Faculdade de Agronomia e Veterinária, e os serviços do Hospital Alvear e do Instituto Bacteriológico de Buenos Aires, trocando em edificante atitude os proventos materiais assim menosprezados pela firmeza a um ideal sem preço, como todo o ideal verdadeiro, à deslumbrada estimativa de seus intrínsecos valores. Nem outro teria sido o sentimento a vos ditar êste registo: — "Ao dedicar-me à ciência devia escolher entre uma provável situação pecuniária folgada e um labor

científico. Escolhi o melhor, o que vale mais que o dinheiro, com o que saí ganhando". Semelhante gesto não seria o único a pontilhar de renúncias vosso religioso *full time*. Não importam os colapsos disso resultantes para o equilíbrio econômico de um lar onde a compreensão e o desprendimento eram já compartilhados por quem não encontrava restrições para chegar à glória de um sábio pela glória do espôso: — a Doutora MARIA ANGÉLICA CATÁN DE HOUSSAY, — dama de peregrinas virtudes, a merecer do mestre, de envolta com o reconhecimento de marcante modéstia, o título que também nô-la expõe aos nossos aplausos, de sua competente e dedicada colaboradora.

Não é tão fácil, porém, como transluz à primeira olhada, a equânime aplicação das atividades magistrais entre os interesses da ciência que marcham do conhecido para o desconhecido e os interesses do aluno, norteados em direção oposta, — do desconhecido para o conhecido. E' mistér aos neófitos o contacto com a floresta já rarefeita da matéria, e portanto, permeável à luz dos clássicos conhecimentos, antes de proporem-se ao acesso da parte inexplorada, em sua sombria densidade. Já os nossos horários se ressentem da pressão dos factos da ciência indiscutida ou assente, para que os oneremos de atitudes contemplativas ou de desalento, que a tanto poder-nos-á induzir, muita vez, o decepcionante desfecho de uma nova experiência.

Ande a pesquisa à vanguarda do ensino. Nunca a seu lado, porém. Assim, ir-se-á provendo ela dos matizes originais que às demonstrações emprestam autoridade, na forma do lógico critério de que, sendo a investigação uma batida no desconhecido, nela dever basear-se, fundamentalmente, tôda a trama do ensino. Nos regimes, qual o nosso, infensos ao tempo integral, a superfetação ensino-pesquisa mais desencanta ao estudante, sedento de saber. E não há de ser a hora da sêde, a mais propícia à interrogação do solo sôbre a natureza e poiso prováveis da linfa cristalina que êle guarda, cioso, em seu regaço, para o fim de apaziguá-la. Nem defen-

sável seria, em face ao jovem sequioso de aprender, — que-
dasse o mestre, perdido na obsessão de vêr transluzir por
entre tantos e desenganados lances de suas diligentes inicia-
tivas, — a trêfega e caprichosa centêlha da verdade que per-
segue.

Deve, pois, fugir às normas pedagógicas habituais a pre-
cocidade na investigação científica. Os predestinados, que
os há, — atentos ao chamamento interior, dispensam convo-
cação. Impõem-se, ao vigor das mesmas tintas que retratam
para sempre as alvoradas a um HOUSSAY. Porque, em tese,
o espírito há de repetir o corpo no estágio que espera a ma-
turação para a libertação de certos aspectos funcionais
só resgatáveis a prazo fixo no curso da evolução. Ainda bem
que a advertência não chega tarde, sí ao eco de oportuna sen-
tença, quais soem ser as da lavra do eminente mestre: —
“Não é ensino pela investigação fazer realizar prematura-
mente pequenos trabalhos incompletos, que fazem crêr ao alu-
no que é já um investigador, desenvolvendo-lhe o pedantis-
mo. Este êrro é frequente, sumamente prejudicial para o
aluno, e inculca falsas idéias sôbre o que é a boa investiga-
ção.” Palavras profundas, senhores, estas que exercem a pro-
filaxia das improvisações em terreno de todo impróprio às
construções sem uma base adrede estabelecida, mediante se-
leto e farto material. Em regra, até a célula para viver não
entra em contacto direto com a substância alimentar, — co-
lhida de primeira mão à natureza. A ela e o seu combustível
interpõe-se uma barreira preparatória, a cargo dos processos
da digestão. Assim, o espírito juvenil perante os factos do
conhecimento. A assimilação mental deve pressupor a sim-
plificação dos fenômenos, — sua diálise, ao crivo da compe-
tência do investigador em seu mandato docente. Qualquer
transigência nestes dois sentidos resultará na dura sanção
que o sustento material ou espiritual acaba por degradar de
sua órbita ordinária ou específica para outra que à vida com-
promete ao peso das nefandas escórias do metabolismo con-
turbado.

Louvemos a investigação científica do ângulo que a reconhece o sustentáculo da moderna cultura, — por sua vez fundamento da força e respeitabilidade das nações conscientes de si-mesmas, e que pejariam de propôr-se a adereços da civilização sem o oiro de lei da verdade soberana haurida aos abnegados esforços de seus laboratórios. Que ela obedeça, porém, às praxes de um noviciado seletivo, — a HOUSSAY, vamos dizê-lo, apalmando as vocações, e firmando para seu cabal desempenho e a exemplo de objetivos outros capazes de inspirar paixão, a condição intransferível do “*full time*”, que é sempre a mais suave das modalidades pelas quais se alardeia, em seus absorventes extremos, a impenitente tirania do amor...

* * *

Que melhor exemplo que o da vossa vida, professor HOUSSAY, para que se ajuíze das preexcelências de um método levando à perfeição? Em vos definindo, não há muito, pela própria vocação ao serviço de um ideal, indicamos ao psicanalista num assomo de síntese desopressora, a indisfarçável noção de perplexidade de quem em face à vastidão de vossa obra, se proponha a adaptá-la à deformante moldura de uma simples saudação protocolar.

Consoante vossa origem, soubestes ser digno da escola paterna, aquela que vos ensinou “o amor pelas idéias nobres e generosas e as coisas belas”. E vos lançastes sem delongas à ação, em busca do grau de farmacêutico que colastes aos 17 anos, e de médico aos 23, quando já ensináveis a Fisiologia aos alunos da “Faculdade de Agronomia e Veterinária” de Buenos Aires. Ditosos moços, favoneados pelo mesmo dia triunfal que, para as futuras gerações, esparsas pelo mundo, vinha apenas a repontar às alviçareiras primícias de sua influência radiosa!

De então para cá, tantas têm sido as produções originais a vosso crédito, que não há como fugir à visão estreita e parcial de sua representação, nos moldes dêsse malfadado *parochialismo* de sentimentos, inconciliável para a nova arte da

pintura com as condições atordoantes do século. Alguns traços avulsos, tomados a rigor a um tema de matizes tão puros, estou que o haverão de recompor, em pretenciosa tela impressionista, à enternecida consideração desta homenagem. Para que insistir, por exemplo, nessa incisiva e precoce participação nos domínios da hipófise, de que vos fizestes a maior autoridade, e vos valeu o Prêmio Nacional de Ciências? E ainda no sector suprarrenal onde, com LEWIS, acendestes o facho da pesquisa original, permitindo a reivindicação pela cortical da vitalizante influência da glândula, usurpada pela sua porção medular? E ainda na esfera da tireóide, das paratireóides e demais elementos da constelação endócrina, — tão profundamente vinculada aos mais árduos problemas do metabolismo orgânico e ainda transbordante de motivos para a reprodução de vossos valores na ilustre projeção de vossos discípulos? Para que trazer à tona a relevância dos vossos estudos pessoais sobre o mecanismo experimental da diabetes, assunto para o qual se volta a nossa atenção ante o deleite de o escutarmos de viva voz? E o inquérito a que submeteis com a vossa escola a patogenia da hipertensão arterial, em sua inquietante ameaça à existência tão onerada de emoções? Para que minúcias maiores de itinerário de quem por si, ou em função orientadora do seu grupo, há percorrido tôda a fisiologia, na forma de uma cidade encantada, impenetrável ao simples curioso, para abrir-se em revelações paradisíacas, aos que como vós lhe bateis as portas em busca da inspiração, — sublime inspiração, a qual, nutrida pela Beleza, na séde mesma do seu reinado, — que é a dúvida sobre a vida, imprimiria à vossa personalidade as características de “um exemplo, de um estímulo, e dessa lição viva e actuante, que sois”?

Ei-la, senhores, a figura do sábio integral, do primor das concepções ao seu correlato transplante à palavra escrita ou falada. A êste prisma, assumis eloquente desmentido ante os que avocam para os criadores da ciência o desprezo ou desmazêlo da linguagem. Muito ao contrário. A tais altitudes mora o estilo em casa própria, por isso que sem nenhum constrangimento ou tortura a frase vos acode ao pensamento

com a natural flexibilidade que faz das construções singelas do espírito a forma elegante do bem dizer. Porque a verdade é como a flôr; — a frase o vaso de cristal que nô-la oferece à contemplação extasiada. Donde, a vã afirmativa da verdade verdadeira proclamada sem beleza. Não pode ser. A formosura é predicado indeclinável de tôda beleza bem exposta. Nem se ajustariam às joias da ciência outro escrínio que o da forma literária, sentida por JOÃO RIBEIRO pela “dignidade externa da expressão”.

Ei-la, senhores, a figura do sábio consagrado por distinções do mais elevado quilate e conferidas por instituições que se honram em afervorar a mística de seus cultos à disputada incorporação de tão festejado nome. Assim, que se consignem, entre as últimas e de maior pôlpa o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, de 1947; Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Oxford; Professor *Honoris Causa* da Universidade do Brasil; Doutor *Honoris Causa* em Medicina das Universidades de Bruxelas, Estrasburgo, Louvain e Minas-Gerais; Membro Honorário da Academia de Washington; Membro Honorário da Academia de Medicina de Nova-York; Sócio Honorário da Sociedade Científica Argentina; Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Montevideo; Professor *Honoris Causa* da Faculdade de Medicina de Pôrto-Alegre; Membro do Comitê interino de Representantes da UNESCO; Medalha “James Cook” da Real Sociedade de Nova Gales do Sul (Austrália) por contribuições relevantes à ciência e ao bem estar humano e para o hemisfério Sul; Membro Correspondente da Academia de Ciências do Instituto de França; Presidente Honorário do Simposium sôbre Biologia da Altitude, celebrado em Lima (Perú), de 23 a 30 de Novembro (1949).

* * *

Tão suma projeção ajusta-se bem ao conceito de CARLSON e BARCROFT proclamando para o egrégio mestre a graça da inclusão de sua grande Pátria ao mapa mundial da Fisiologia.

Os feitos, porém, por insignes, não imunizam contra as incongruências da fortuna. Haveríeis de ter o vosso revés, ainda que para ensinar-vos o prêmio de novas e alcandoradas consagrações. Não poderíeis discrepar dos solenes princípios que entrelaçam nos deveres docentes a formação do profissional e do cidadão. E a coerência com estas normas seria o móvel da tormenta a arrebatá-vos a cátedra estremecida.

Mas, fechemos esta página, que só se entreabre à sugestão de uma nuvem que passou, deixando na poesia dos contrastes com o preclaro destino que pretendeu toldar, os derradeiros efeitos de sua ingênua quanto arrojada temeridade.

Professor HOUSSAY

Desta venerável oficina onde o culto da tradição, muito do vosso sabor, é também “respeito do passado e estímulo do presente”, vivemos a captar em sublimada televisão, os nutrientes influxos dêsse austero seminário de apóstolos da boa ciência, que é a vossa “Fundação Instituto de Biologia e Medicina Experimental”, sob a égide pontifícia de quem, arrancado à catedral de sua crença inabalável, não tarda em confiar de um templo improvisado, e à diligente mercê de simples e modestas alfaias, a glória que reivindica para sua fé o efetivo exercício de uma grande diocese.

Continuaríeis a evangelizar, — dentro ou fora da cátedra, e a plasmar, já não direi tão só discípulos, — mas, a mestres da mais requintada estirpe no saber como nos dotes ornamentais, da mais profunda e esmerada formação ética.

Assim, — os Foglia, os Braun-Menéndez, Lewis, Orias, Hug, Leloir, entre outros.

Neste belo afan vos deixais impressionar pela orientação inglesa, ciosa de preservar as Universidades da inópia ou impurezas infiltráveis à contextura docente, da mais triste repercussão sôbre o porvir das nações, que contam da juventude a matéria prima do seu prestígio e renome, no concêrto

da civilização. Porque, — bem o rematais: — “*homens de terceira classe não formam homens de primeira classe*”...

Certo é que a instabilidade, como atributo da vida, onera de precalços o equilíbrio, em qualquer das suas representações. As atitudes do corpo, em repouso ou movimento, jogam com expedientes vários, à guarda da solicitude dos reflexos posturais. E' como se neutralizam as quedas a que seríamos compelidos na simples locomoção, não valesse cada passo nosso pela resultante de sustentados esforços contra as múltiplas e tendenciosas insinuações que lhes opõem as maquinações da gravidade. Mais intrincado é êsse mecanismo de defesa sentido do mundo moral, mormente quando tornamos das atitudes extáticas para a ação, — que é conduta, — é movimento, — síntese admirável do espaço e do tempo, ou “a relação do tempo de um percurso com o espaço percorrido”, no dizer de Le Senne; — movimento que o presente vai fixando para a doce e consoladora ilusão de que o passado nunca passa. Sim; o passado nunca passa, verdadeiramente, para aquêles que, como vós, se habilitam a concorrer pelo vulto das produções, que geram a fama, à Copa da Imortalidade, com a qual também se cortejam as altas competições da força e da agilidade, no gigantesco e insuperável *stadium* jamais regateado aos bravos paladinos das maratonas intelectuais que, através das gerações, conservam sempre viva e palpitante a tocha sagrada da sabedoria humana. Mestre e educador que sois, sem vos renderdes até aqui aos imperativos do cansaço, — ronda ainda assim, ou por isso mesmo, em tórno a vós um clima eufórico, sentindo a felicidade como a entreviu Goethe numa frase clássica, e que bem resume vossa vida, de um prisma a que o mundo não poderá esquecer: —

“Nada hay sobre la tierra que no comporte fatiga. Sólo el impulso interno, el deseo, el amor, ayudan a superar los obstáculos, a abrir los caminos y a elevarse por encima de los estrechos círculos en los cuales unos desgraciados penan y sufren angustias mortales”.

...Esta é a imortalidade a que fazeis jús, Sr. Professor, e a que a nossa Faculdade, unindo ao côro das consagrações de onde emergis, as vozes de sua Congregação, de sua Reitoria e do Conselho Universitário, ora vem reconhecer e proclamar no presente pergaminho, com o qual se honra em vos considerar, com o coração em festas, seu PROFESSOR HONORÁRIO.

Guardai-o, para nosso orgulho, na certeza de que, passando a vos pertencer, aqui vos deixais ficar um pouco, nas vantagens que as Universidades, — como entidades vivas, — sóem auferir em ação estimulante e fecunda, à incorporação de valores paradigmas, como vós, ao patrimônio que DEUS haja sempre crescente, de sua conspícua existência espiritual.

Sêde bemvindo, Professor HOUSSAY.